

nara roesler

antonio dias



---

## antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano 'Arte Povera', entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

## exposições coletivas selecionadas

- *Pop Brasil: Vanguarda e Nova Figuração 1960-70*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- *34ª e 33ª Bienal de São Paulo*, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

## coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, USA
- Daros Latinamerica Collection, Zurich, Switzerland
- Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA
- Sharjah Art Foundation, Sharjah, UAE
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brazil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

<b>4</b>	a potência da imagem
<b>11</b>	período de transição
<b>17</b>	abstração e rigor formal
<b>40</b>	nepal
<b>51</b>	exercícios auto-reflexivos
<b>57</b>	em diantes



---

## a potência da imagem 1963–1966

Antonio Dias começou a expor seus trabalhos ainda jovem, no início de sua carreira, no começo da década de 1960. Sua primeira individual ocorreu em 1964, na Galeria Relevo, dirigida por Jean Bochici, alçando-o ao reconhecimento na cena artística carioca quando tinha apenas vinte anos de idade. A exposição teve grande impacto na arte brasileira, tendo sido acompanhada de texto introdutório de Pierre Restany, um dos críticos mais proeminentes no país, naquele momento. No ano seguinte, a mostra viajou para a Galerie Houston-Brown, em Paris, marcando o início da presença do artista no cenário internacional.



---

*Batalha com uma amiga*, 1964  
óleo sobre gesso sobre eucatex  
9,6 x 10 cm  
foto: © Vicente de Mello



Até 1966, Dias produziu um amplo corpo de trabalhos, incluindo assemblages e desenhos que fazem uso de um distinto repertório de imagens violentas e escatológicas, tais como ossos, partes de corpos, corações e armas. De acordo com o curador e crítico Paulo Sergio Duarte, “As pinturas daquela época representam uma verdadeira revolução. Elas estão longe de ser a pop art americana que alguns críticos se apressaram em identificá-las como tal. Esteticamente, elas se apresentam em diferentes direções, como retângulos, quadrados ou diamantes; quase sempre projetam-se no espaço ao redor, com grande violência simbólica, assumindo um aspecto escultural”.

*Sem título*, 1964  
acrílica e gesso em tecido  
acolchoado e madeira  
61 x 50,1 x 6,5 cm | 24 x 19.7 x 2.55 in  
foto © Peter Schälchli



O léxico iconográfico do artista remonta à cultura popular brasileira e às histórias em quadrinhos, sem deixar de fazer referências à realidade urbana do país no período. Em seus trabalhos figurativos, as imagens estão impregnadas de humor, ironia e deboche. Helio Oiticica referiu-se ao icônico *Nota sobre a morte imprevista* (1965) nos seguintes termos: "Considero, então, o 'turning point' decisivo desse processo no campo pictórico-plástico-estrutural, a obra de Antonio Dias, *Nota sobre a morte imprevista*, na qual afirma ele, de supetão, problemas muito profundos de ordem ético-social e de ordem pictórico-estrutural, indicando uma nova abordagem do problema do objeto[...]". Em 1965, seus trabalhos também foram exibidos na antológica mostra *Opinão 65*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio).

*Programação para um assassino*, 1964  
tecido almofadado, madeira,  
pigmento metálico, vinil sobre tela e  
madeira compensada  
125 x 122 x 15 cm | 49,2 x 48 x 1,9 pol.  
foto © Vicente de Mello









---

←  
vista da exposição  
*A cor do Brasil*, 2016  
Museu de Arte do Rio (MAR),  
Rio de Janeiro, Brasil

---

*Nota sobre a Morte Imprevista*, 1965  
óleo, acrílico, vinil, plexiglass  
sobre tecido e madeira  
195 x 176 x 63 cm  
foto © Vicente de Mello

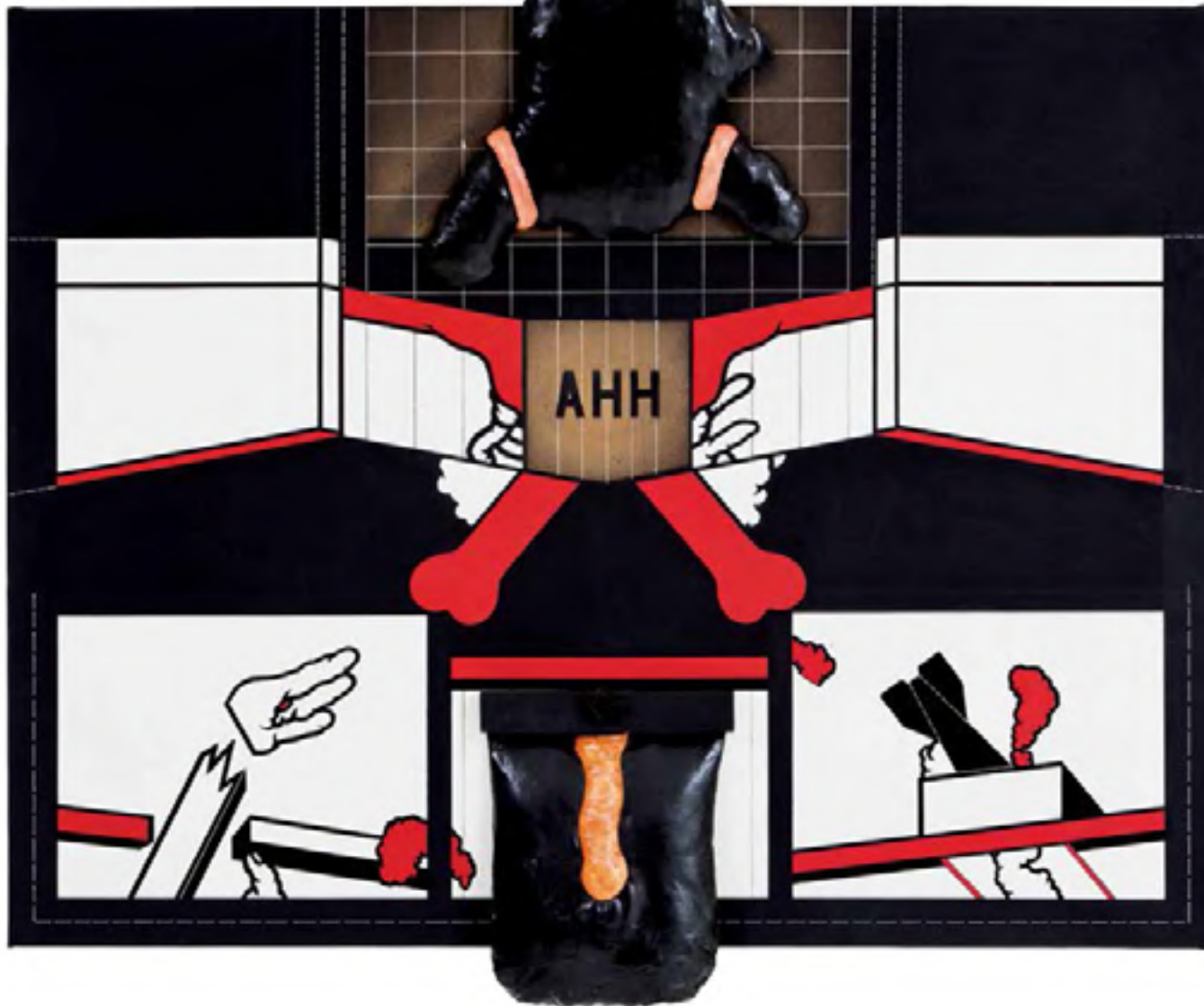




vista da exposição  
*Memorias del Subdesarrollo:*  
*El giro descolonial en el arte de*  
*América Latina, 1960–1985, 2018*  
Fundación Jumex,  
Ciudad de México, México

*Acidente no jogo*, 1964  
acrílica, óleo e vinil sobre  
madeira e tecido estofado  
103 x 55 x 77 cm  
foto © Paulo Scheuenstuhl





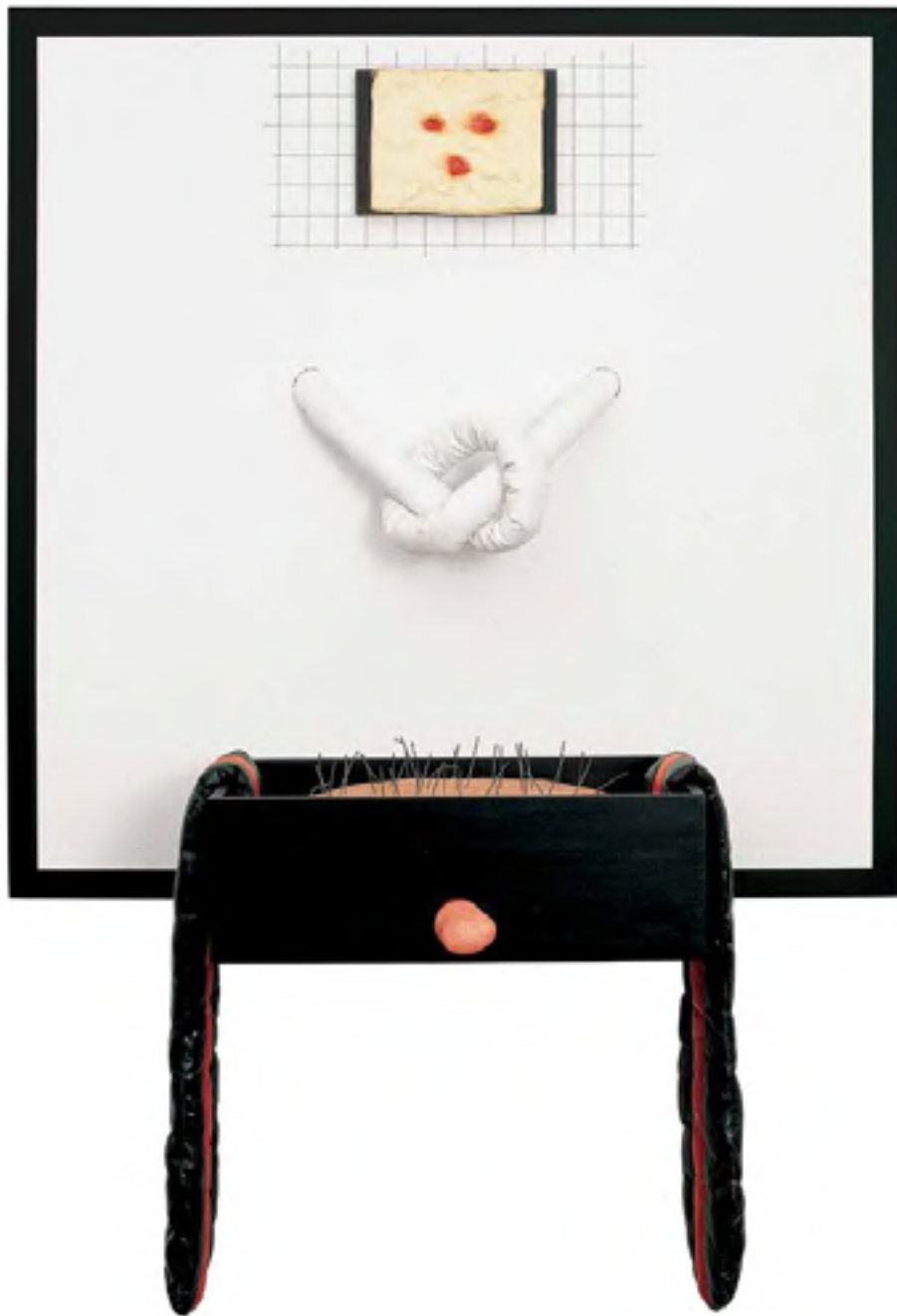
No final de 1966, após ganhar uma bolsa do governo francês como prêmio pela sua participação na IV Bienal de Paris, em 1965, Dias mudou-se para Paris. A mudança coincide com uma transformação no trabalho do artista, que preserva seu vocabulário iconográfico original, adaptando-o a um estilo mais simplificado em que suas cores se tornam mais sóbrias e homogêneas. Em especial, destaca-se a presença do branco, do preto, do vermelho e do rosa. As composições também se tornam mais econômicas e as superfícies mais lisas.

*A morte de Black Hawk*, 1967  
acrílico e vinil sobre tela,  
tecido e madeira  
125 x 145 cm  
foto © Daniel Mansur

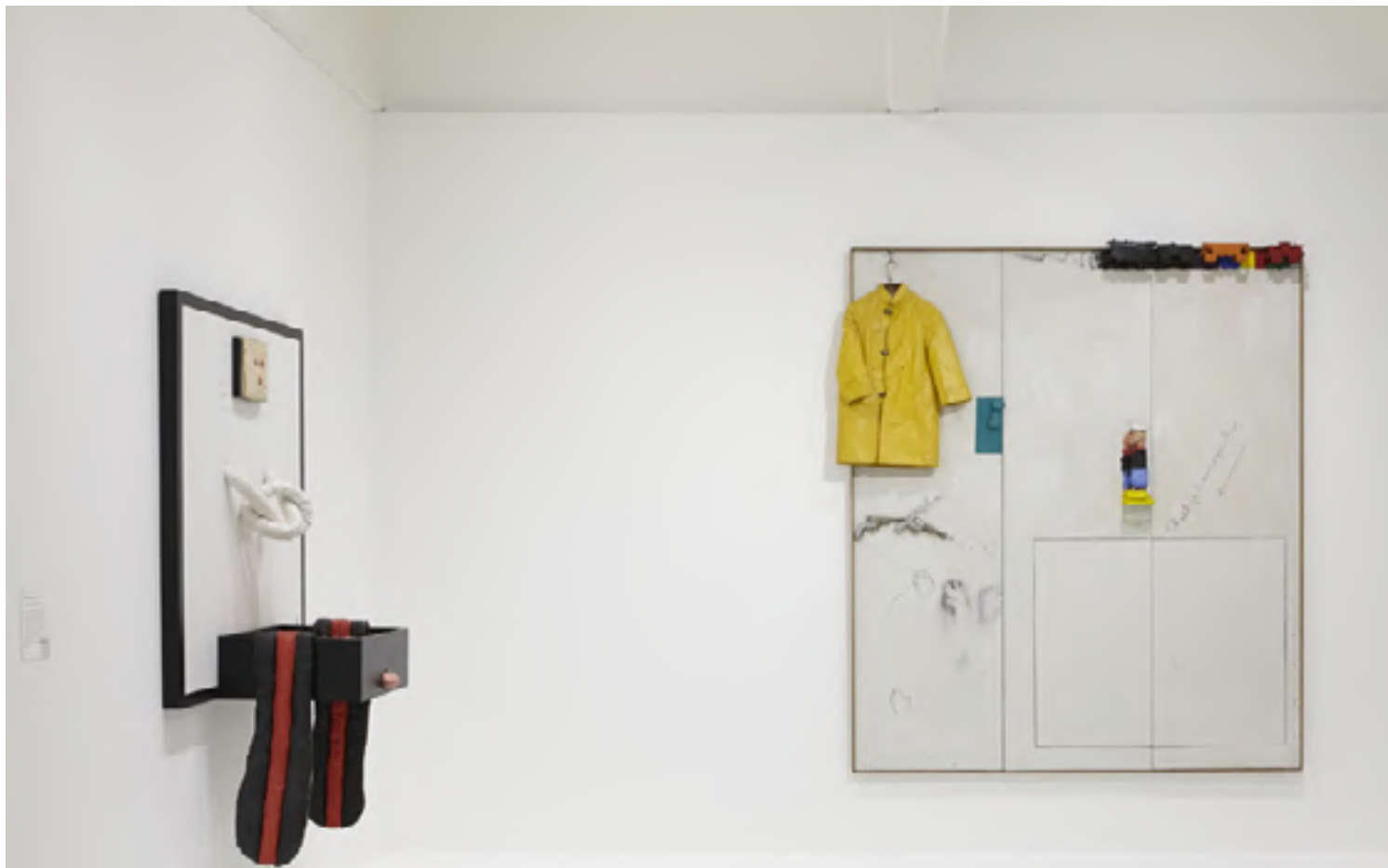




*Emblema Para Uma  
Esquadilha Assassina, 1967*  
Tinta acrílica e tinta industrial  
sobre tela e masonite  
foto © Jaime Acioli



*O Meu Retrato, 1967*  
acrílica sobre tela, madeira  
pintada, arame e tecido  
170 x 122 x 52 cm  
foto © Vicente de Mello



---

vista da exposição  
*International Pop*, 2015  
Walker Art Center, Minnesota, EUA

---

→  
*Coletivo*, 1967  
Plástico laminado sobre  
madeira e grama artificial  
52,1 x 50,8 x 50,8 cm  
foto © Peter Schälchli

---

→ →  
*Solitário*, 1967  
plástico laminado em madeira,  
borracha, algodão, vidro e metal  
55,5 x 50,3 x 67,5 cm  
foto © Peter Schälchli









---

## abstração e rigor formal 1968–1976

Em 1968, Antonio Dias deixa Paris, devido a um problema com seu visto, e se muda para Milão, onde passa a frequentar os círculos da Arte Povera. Antes de partir, entretanto, ele testemunha os históricos protestos de 1968, a partir dos quais ele iria produzir *History* (1968), uma sacola plástica transparente lacrada contendo conservas, poeira, terra e detritos coletados nas ruas de Paris na época. Segundo o historiador da arte Sergio B. Martins, *History* “takes factuality itself to such an extreme that it loses all self-evidence. [...] the inert materiality of the debris is an obstacle in the way of self-evident assumptions about the intrinsic meaningfulness of history.”

---

*History*, 1968  
PVC, earth, dust and debris  
6,5 x 39,7 x 38,5 cm | 2.5 x 15.6 x 3.3 in

---

→  
*Undercover*, 1968  
cement, linoleum,  
and metal chain  
2 pieces of approx.  
Ø 15 cm | 5.9 in each  
photo © Pat Kilgore



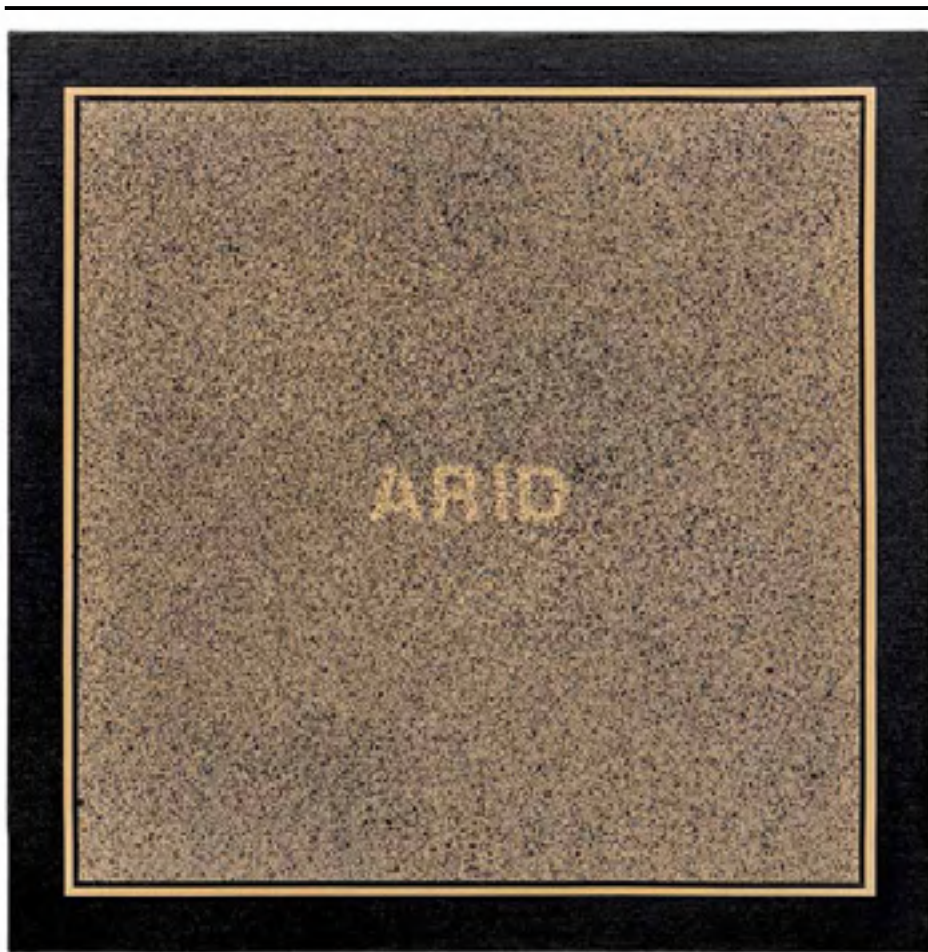






*Alphaomega Biografia*, 1968  
tinta acrílica sobre tela  
190 x 380cm  
foto © Roberto Cecato





*Arid*, 1968  
acrylic on canvas  
50 x 50 cm | 19.6 x 19.6 in  
photo © Everton Ballardin

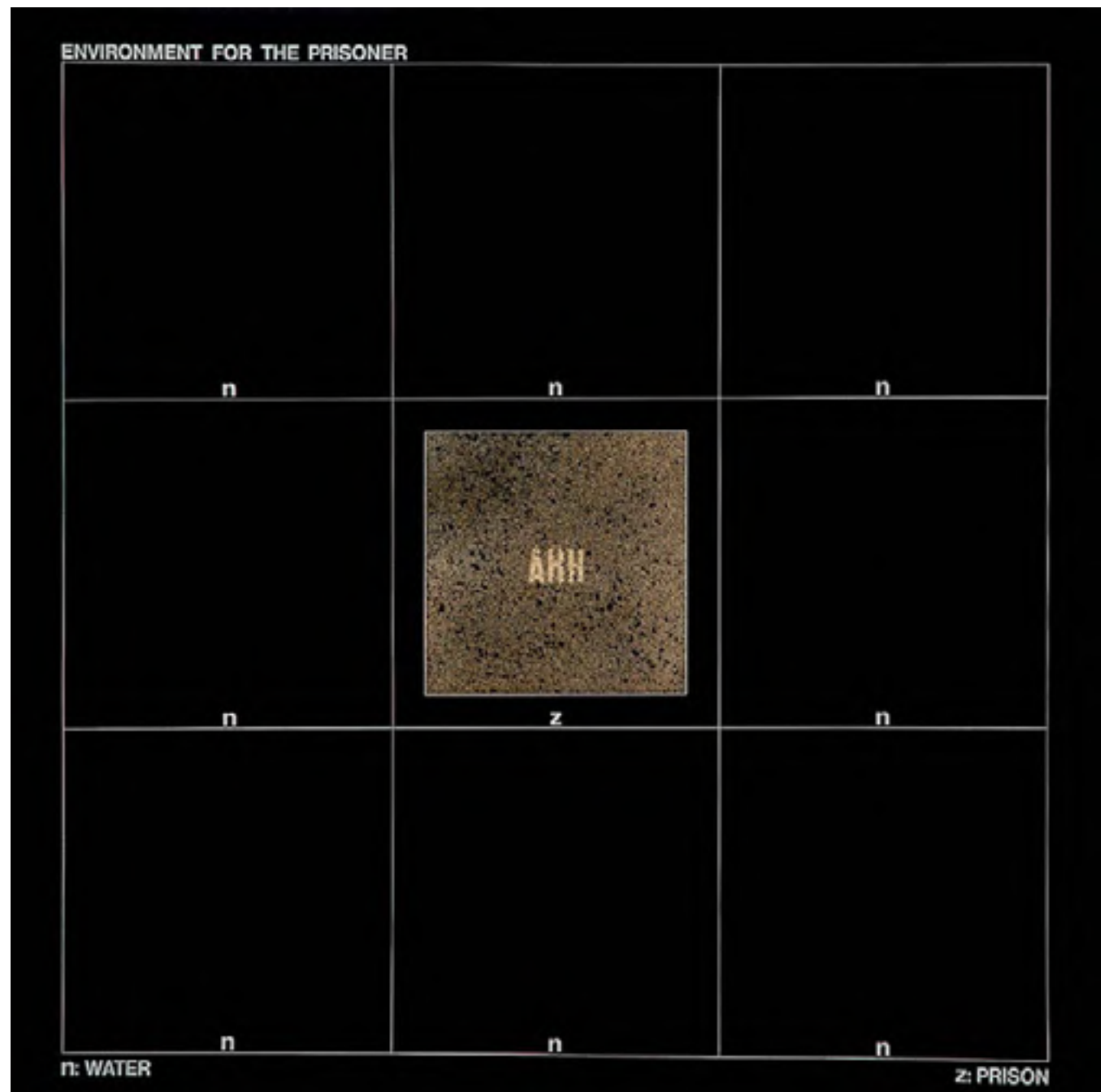


*Sun Photo as Self-portrait*, 1968  
acrylic on canvas  
150 x 150 cm | 59 x 59 in  
photo © Maura Parodi



Após chegar na Itália, Dias estabelece duradouras relações com artistas como Gilberto Zorio, Luciano Fabro e Giulio Paolini, levando seu trabalho, nas palavras da curadora e historiadora da arte Sonia Salzstein, “opened itself up to new interests, and the elements that in it up until then seemed to refer immediately to the Brazilian political situation - for instance, the term ‘prisoner’ associated with grids of empty an oppressive spaces that constantly appeared in his paintings and papers - henceforth evinced the revelatory strength of a new international order in art and in culture. The formal discipline that, from the beginning, had characterized Dias’ work - even when it dealt with excess and decompression - found confirmation in the many variants of international production [...] that demonstrated blanks; ate spirit in those days in addition to a willingness to problematize the institutional boundaries of art.”

*Environment for the Prisoner*, 1968  
acrylic on canvas  
100 x 100 cm | 39.3 x 39.3 in  
photo © Maura Parodi





---

*Tapa Olho*, 1968  
acrylic on fabric  
84 x 93,5 cm  
photo © Everton Ballardin



*Do it yourself: Freedom  
territory*, 1968  
vinyl  
400 x 600 cm | 157.4 x 236.2 in

Em 1969, Dias cria o afamado trabalho *Faça você mesmo: Território Liberdade*, que ele descreve como “uma estrutura básica aberta, que só funciona a partir do momento em que alguém usa o espaço declarado como livre para apresentar uma ação, seja mental, física ou visual. É fundamental que a pessoa adote uma posição totalmente incondicional antes de adentrar a estrutura-território.” O trabalho consiste em uma fita adesiva disposta no chão, marcando-o como “território de liberdade”, com o fim de propor reflexões sobre as noções de espaço e lugar em relação à arte, sem deixar de fora a dimensão socio-política de se estabelecer um refúgio para a autonomia e a liberdade.

→  
*The Space Between*, 1969/99  
white marble and black granite  
100 x 100 x 100 cm each  
39.3 x 39.3 x 39.3 in each  
photo © Vicente de Mello









---

*Environment for The Prisoner*, 1970  
acrylic on canvas  
130 x 162 cm | 51.1 x 63.7 in  
photo © Maura Parodi

ENVIRONMENT FOR THE PRISONER

1/2/3/4: CONTINENTS



*Environment for the Prisoner*, 1970  
acrylic on canvas  
120 x 120 cm | 47.2 x 47.2 in  
photo © Maura Parodi

→  
*Project for 'The Body'*, 1970  
acrylic on canvas  
200 x 600 cm | 78.7 x 236.2 in  
photo © Udo Grabow







---

vista da exposição  
*Anywhere is my land*, 1970  
Studio Marconi, Milão, Itália  
foto © Giorgio Colombo





---

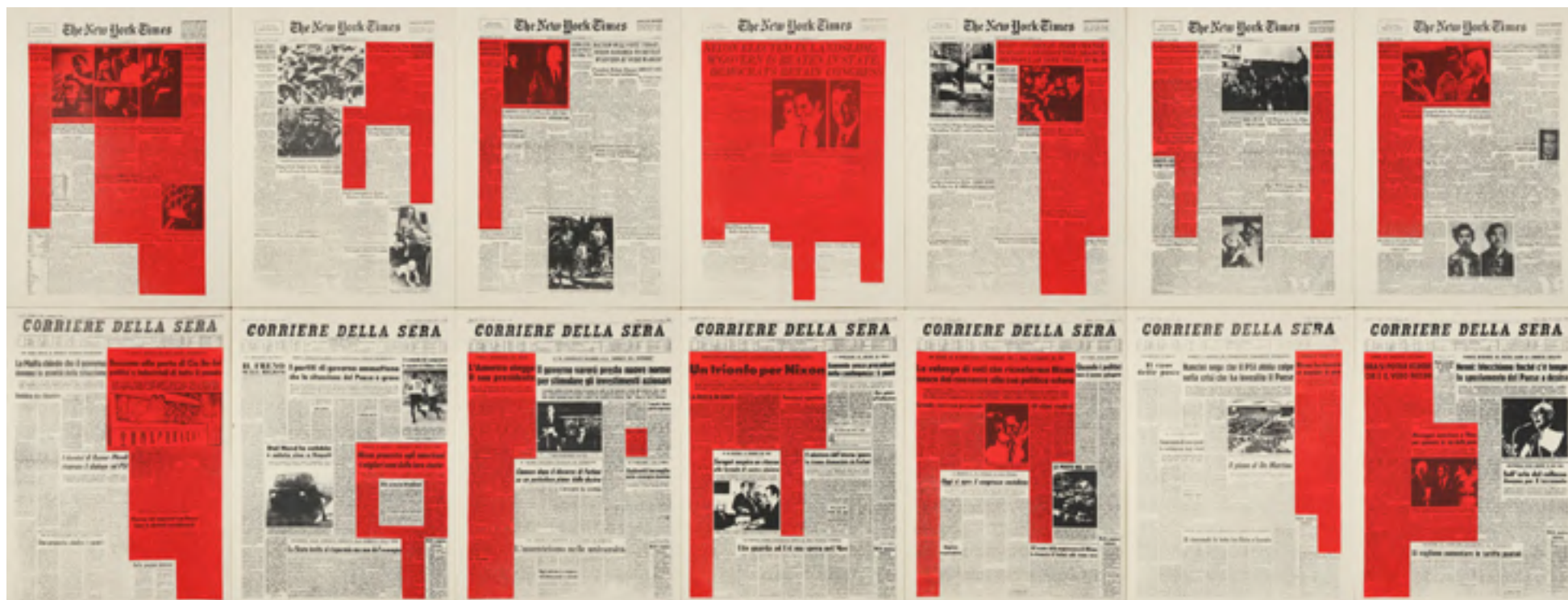
*The Hardest Way*, 1970  
acrylic on canvas  
200 x 300 cm | 78.7 x 118.1 in  
artist's collection  
photo © Roberto Cecato

---

→  
*The Illustration of Art / One & Three  
/ Stretchers / Model*, 1971  
varnished wood  
approx. 110 x 700 cm | 43.3 x 275.5 in  
photo © Dominique Uldry



*Oriente/Ocidente*, 1972  
india ink on tracing paper, nails,  
and twine on cardboard  
variable dimensions  
photo © Pat Kilgore



The Illustration of Art/ Dazibao/ The Shape of Power, 1972  
silk screen, and acrylic on canvas  
121 x 317 cm | 47.6 x 124.8 in  
photo © Paulo Scheuenstuhl

→  
Ta Tze Bao, 1972  
installation in 14 parts, comprising  
14 printed sheets of Chinese paper  
and acrylic on 14 flag shaped  
canvases  
14 sheets of approx. 65 x 100 cm |  
25.5 x 39.3 in each

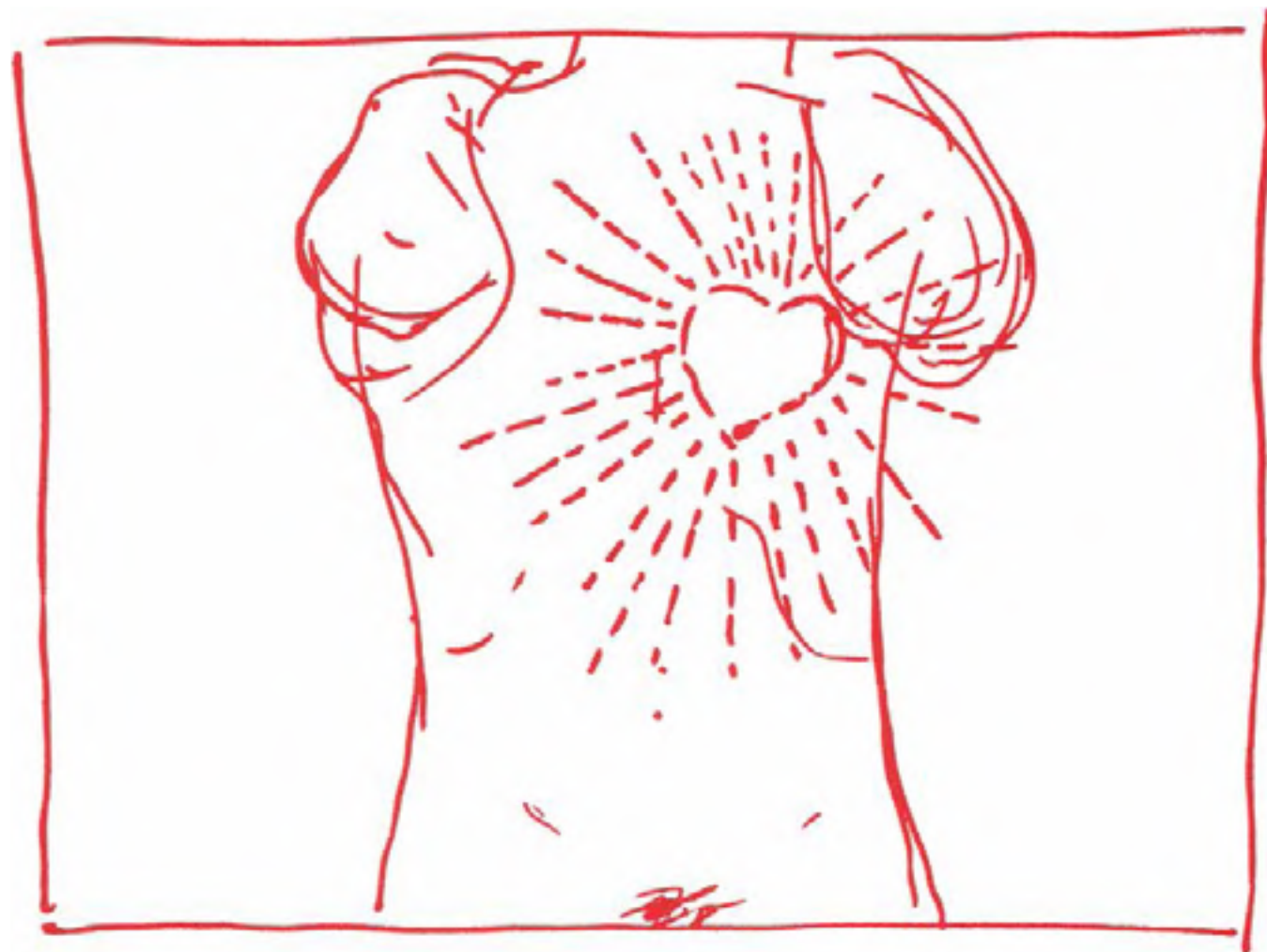
→ →  
exhibition view  
Tazebao e outras obras, 2018  
Galeria Nara Roesler,  
São Paulo, Brazil  
photo © Everton Ballardin







Nos anos seguinte, Antonio Dias investigou novas práticas estéticas, voltando-se, por fim, à uma produção abstrata austera. Ele passou a esquadrihar formas geométricas como retângulos, pontos e quadrados, brincando com interferências e modificações sutis em suas formas. *The Illustration of Art / Economy Model*, que integra a série *The Illustration of Art*, é resultado dessas investigações geométricas, revelando, ainda, um interesse no vocabulário formal como modo de se refletir sobre os meios e processos do sistema artístico. Dias também passou a diversificar, sistematicamente, seus modos de produção, criando objetos, instalações, filmes em Super-8, gravações sonoras, além de suas pinturas de grande formado.

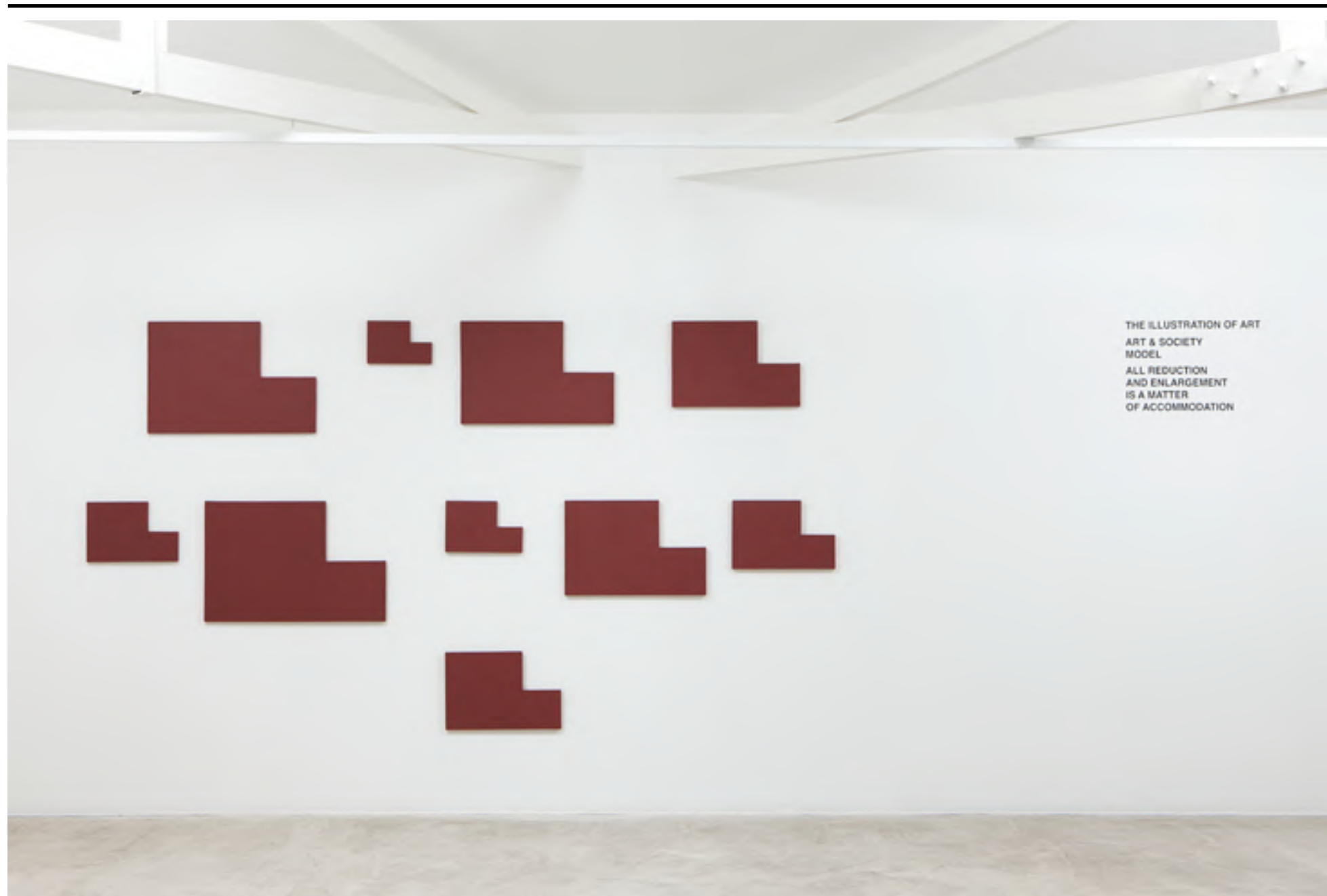


**The Illustration of Art**

*Study for The Illustration of Art/  
Conversation Piece*, 1973  
desenho sobre papel  
21x29cm | 8.2 x 11.4 in

→  
*The Illustration of Art/ Art & Society/  
Model*, 1975  
óxido de ferro e vinil sobre madeira  
200 x 496 cm  
foto © Everton Ballardin

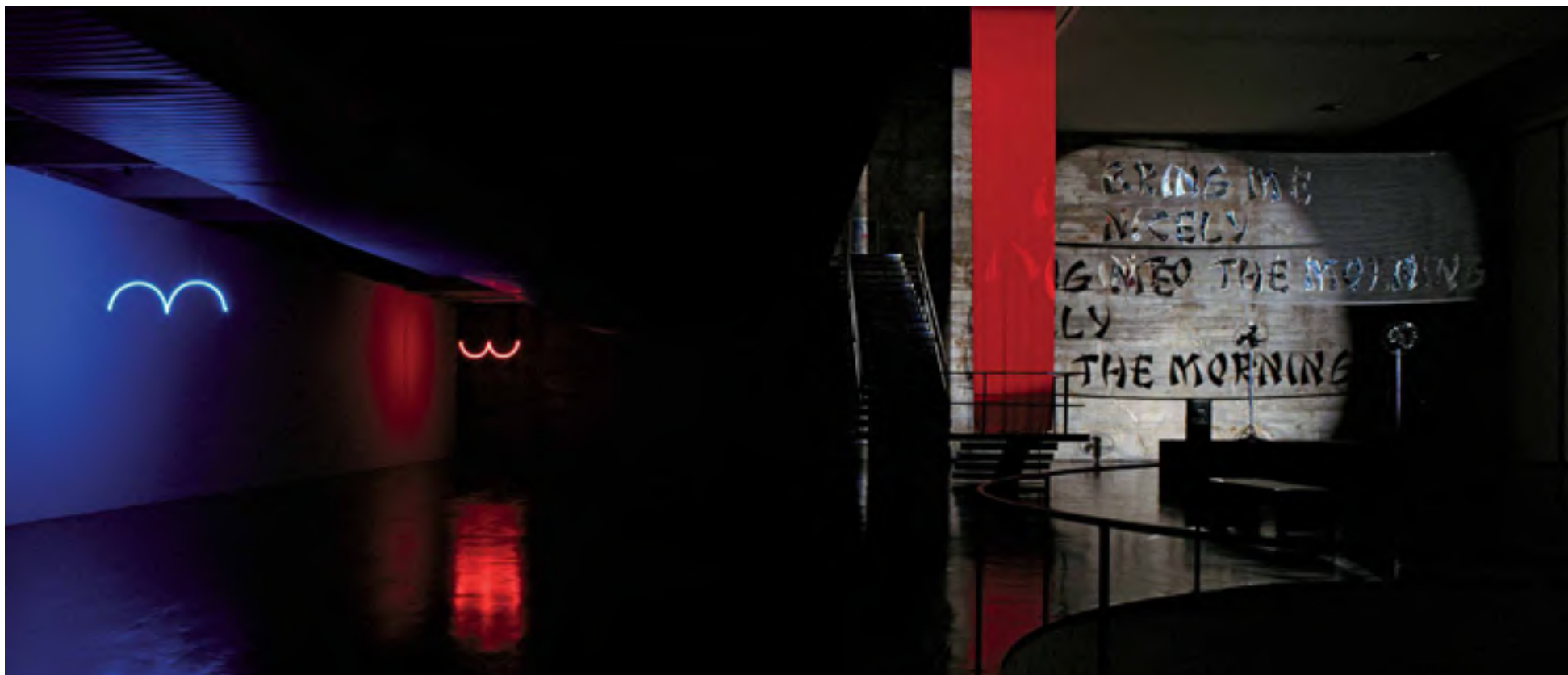






---

*Conversation Piece*, 1973  
filme super 8 convertido em digital  
(2 arquivos), 2 telas de projeção  
foto © arquivo Antonio Dias



---

vista da exposição  
*Antonio Dias*, 1974  
Museu de Arte Moderna,  
Rio de Janeiro, Brasil





The Illustration of Art / Uncovering  
 the Cover-Up, 1973  
 serigrafia, tinta acrílica e pigmento  
 metálico sobre tela  
 91 x 136 cm | 35.8 x 53.5 in  
 foto © Vicente de Mello



Antonio Dias in Milan, 1973  
 photo © Antonio Dias archive

→  
 The Illustration of Art/Uncovering  
 the Cover-Up, 1973  
 silkscreen on canvas  
 91 x 136 cm | 35.8 x 53.5 in.





---

*The Illustration of Art: A fly in my  
movie, 1975*  
mídia digital, madeira e luz  
dimensões variáveis





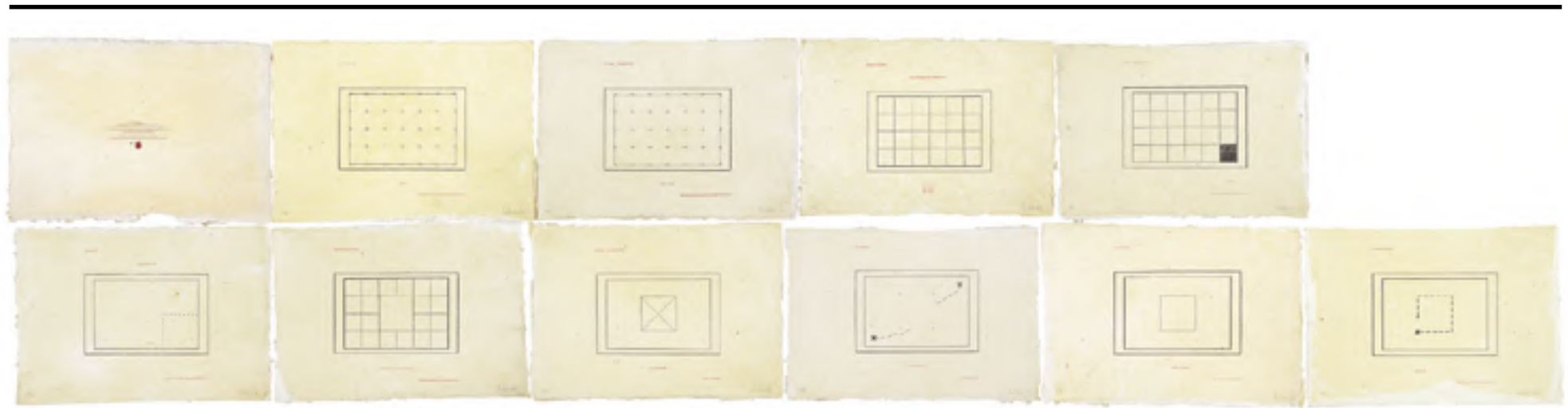
---

## nepal 1976–1977

Em 1977, Antonio Dia viajou ao Nepal, lá ficando por cinco meses, com o objetivo de pesquisar e estudar a tradicional produção de papel artesanal daquele país. O artista uniu-se à artesãos locais em suas rotinas, dando início ao desenvolvimento de um método baseado na mistura de folhas de chá. Mais do que mero suporte, o papel torna-se o centro de seu trabalho, assumindo um eixo fundamental de sua produção. *Niranjani* (1977) e *Trama* (1968/77) são admiráveis exemplos do emprego deste material pelo artista.

---

*Niranjani*, 1977  
papel nepalês com carga  
de folhas de chá  
4 pedaços de Ø 140 cm | 55.1 in cada  
foto © Gabriele Basilico



---

*Trama*, 1968/77  
álbum com 10 xilografias  
sobre papel do Nepal feito a mão  
56 x 82 cm | 22 x 32.2 cada  
foto © Mario Grisoli

---

Durante seu tempo no Nepal, Dias também desenvolveu trabalhos emblemáticos como *O país inventado* (1976), que pode ser descrito como uma haste que empunha uma bandeira vermelha na qual um dos cantos foi subtraído. Esse elemento simbólico seguirá emergindo em sua prática até o fim de sua carreira. De acordo com o artista, o trabalho representa a “ideologia indo pescar”. Dias exibiu o trabalho como símbolo do fracasso das revoluções lideradas pelo estado e dos esforços utópicos menores que lhes seguiram.



---

*The Invented Country / God Will*  
*Give Days*, 1976  
cetim, bronze patinado  
500 cm | 196.8 in  
(comprimento da haste)  
foto © Paulo Scheuenstuhl

---

→  
vista da exposição  
29ª Bienal de São Paulo,  
2010, São Paulo, Brasil





A PELE DO INVISÍVEL



---

vista da exposição  
*Transmissions: Art in Eastern Europe  
and Latin America, 1960-1980, 2015*  
Museum of Modern Art (MoMA),  
Nova York, EUA  
foto © Thomas Griesel



---

*The Illustration of Art /  
Tool & Work, 1977*  
argila vermelha em papel nepalês  
60 x 280 cm | 23.6 x 110.2 in  
foto © Pat Kilgore





*Working Tools*, 1986  
 óxido de ferro, grafite, pigmentos  
 metálicos sobre papel nepal  
 56 x 81 cm | 22 x 31.8 in



*Delimiting territories*, 1982  
 óxido de ferro, grafite, pigmentos  
 metálicos sobre papel nepal  
 58 x 83 cm | 22.8 x 32.6 in

→ [próximas páginas]  
 vista da exposição  
*Papéis do Nepal*, 2016, Galeria  
 Nara Roesler, São Paulo, Brasil










---

*Demarcationg territories, 1982*  
 óxido de ferro, grafite, pigmentos  
 metálicos sobre papel nepal  
 55 x 88 cm




---

*Working in the furnace, 1986*  
 mídia mista em papel nepalês  
 57 x 81,5 cm | 22.4 x 32 in

---

→  
 vista da exposição  
*Made in Brazil, 2015*  
 Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil



---

## exercícios de auto-reflexão 1978–1990

Concomitante ao extensivo uso de papel artesanal do Nepal, Dias começou a pesquisar materiais como ferrugem, grafite e pigmentos metálicos, que ele aplicava sobre o papel, conferindo-lhe uma nova densidade material. Com isso, o artista retomou um antigo interesse pelas ideias de eletricidade e condução, partindo da crença de que o circuito certo resolve qualquer questão. Nessa época, movido por essas ideias, Dias frequentemente empregou metais, entre outros materiais condutores, na tentativa de concentrar campos e circuitos de energia em suas telas.



---

*Sem título [Untitled]*, anos 1990  
grafite, cobre, malaquita e ouro  
sobre papel  
76 x 112 cm | 29.9 x 44 in (díptico)

---

→  
*Sem título [Untitled]*, 1988  
grafite e folha de ouro sobre tela  
200 x 200 cm | 78.7 x 78.7 in  
foto © arquivo Antonio Dias





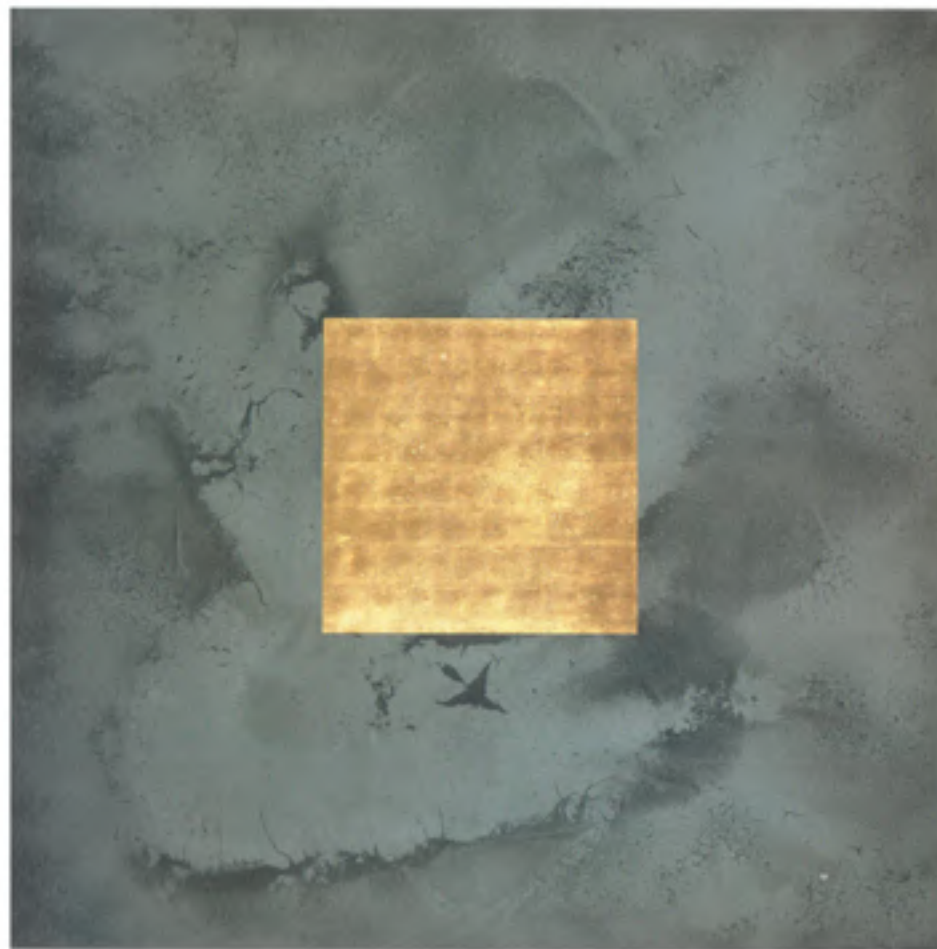
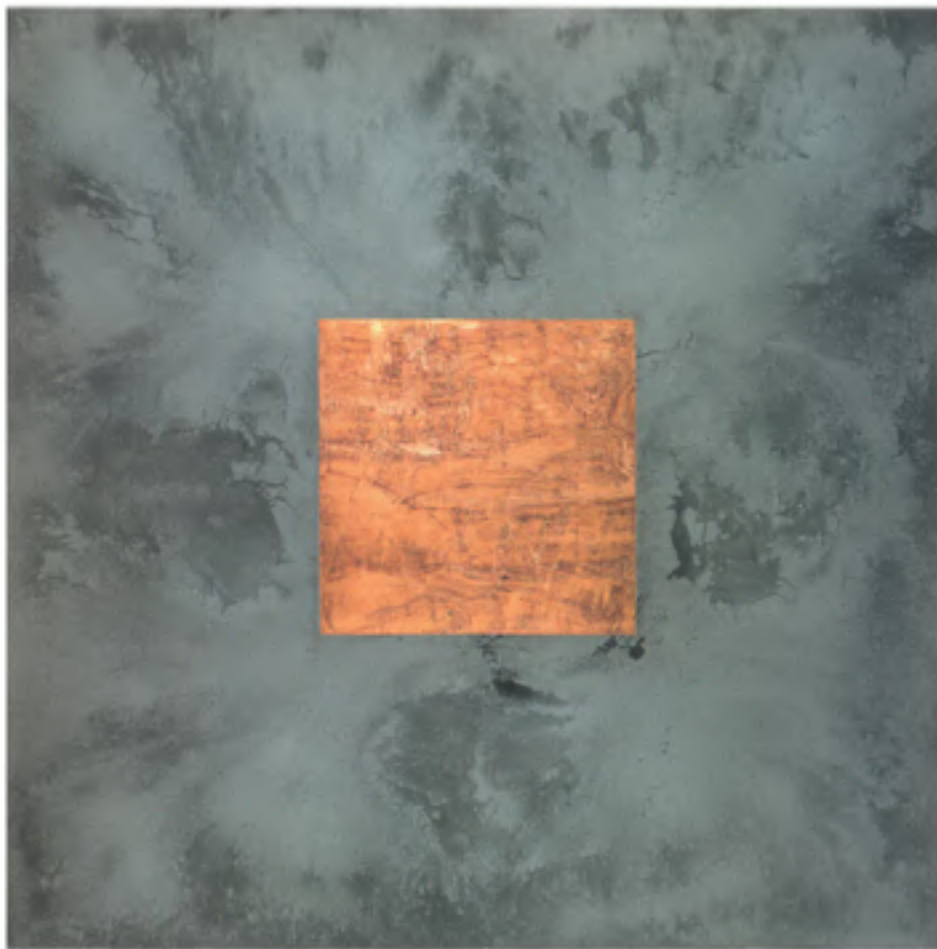
---

Essas novas técnicas passaram a caracterizar sua produção posterior, utilizada também em grandes telas na década de 1980. Eventualmente, aspectos de sua produção inicial ressurgiram – alusões fálicas, cruzes e retângulos já vinham retornando em grande parte durante os anos 1970. Com o tempo, esta iconografia passa a constituir grande parte de sua investigação artística, com uma pesquisa paciente e minuciosa sobre a forma e o meio, realizada tanto no início da carreira como nas fases artísticas posteriores. O vai-e-vem das preocupações de Dias criaram um corpo de trabalho dinâmico e extenso, composto por contínuas inovações nas ferramentas e procedimentos artísticos escolhidos.

---

*Sem título [Untitled]*, 1985  
grafite, madeira e borracha sobre tela  
200 x 130 cm | 78.7 x 51.1 in  
foto © Paulo Scheuenstuhl





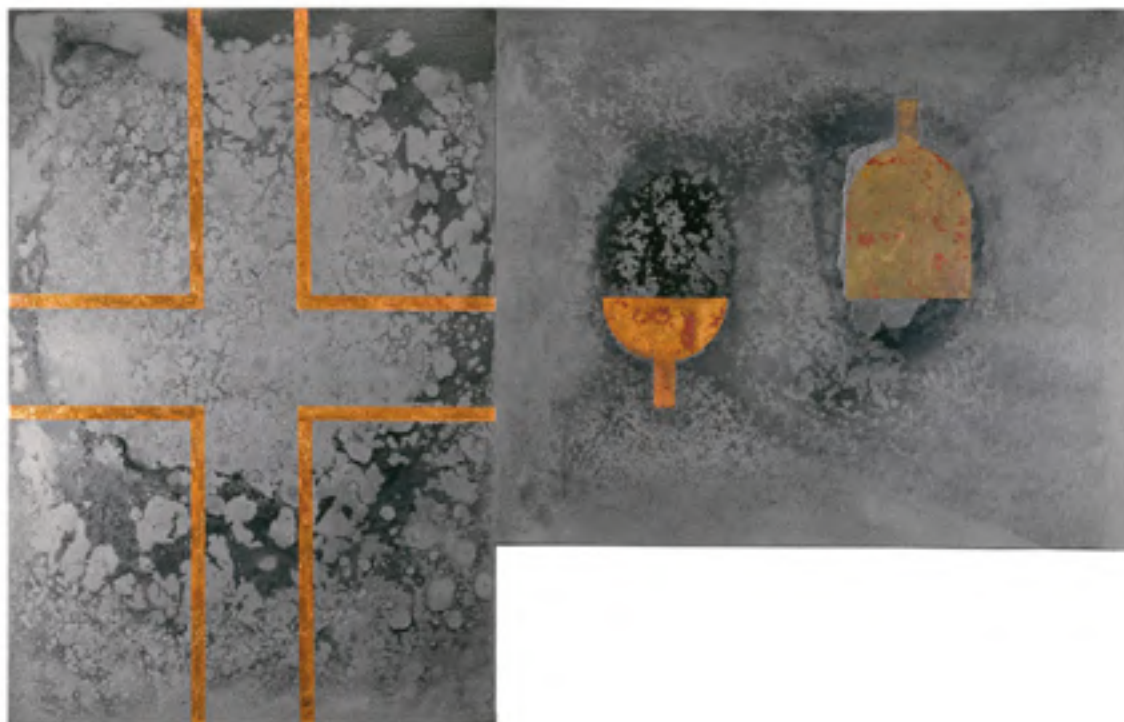
---

*Sun Photo as Self- Portrait /  
Air Destroying Gorgeous  
Monuments, 1990 / 1991*  
grafite, ouro e folha  
de cobre sobre tela  
200 x 200 cm cada | 78.7 x 78.7 in





*Sem título*, 1986  
tinta a óleo sobre tela  
120 x 120 cm | 47.2 x 47.2 in

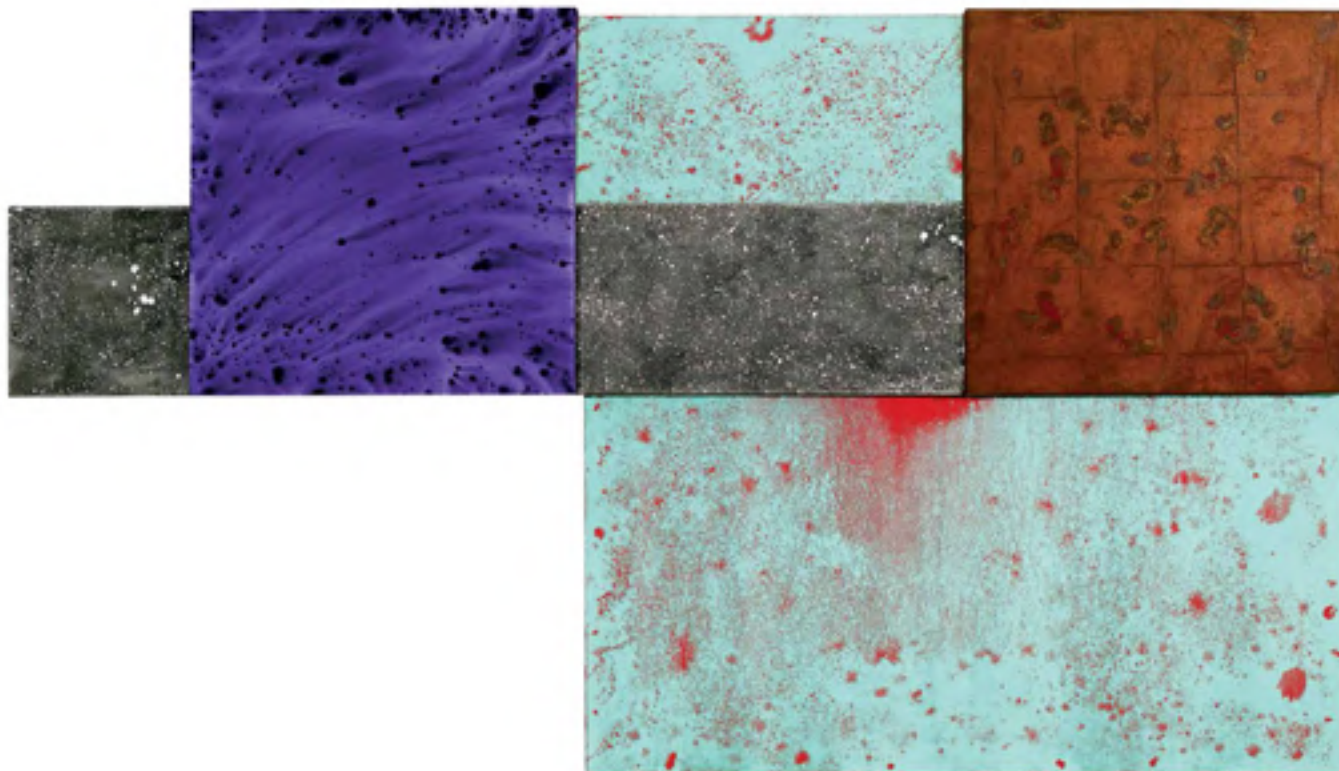


*Perfume & Poison*, 1989  
grafite, folhas de ouro,  
e cobre sobre tela  
100 x 160 cm | 39.3 x 23.6 in  
foto © Roberto Cecato



---

*Sem título*, 1989  
tinta acrílica e grafite sobre tela  
40 x 120 cm | 15.7 x 47.2 in



*Furnace*, 2006  
acrílico, folha de ouro  
e cobre sobre tela  
120 x 240 cm | 47.2 x 94.4 in  
foto © Jaime Acioli

→  
*Sem título*, 2011  
acrílico, óxido de ferro, ouro  
e folhas de cobre sobre tela  
180 x 390 x 12 cm  
70.8 x 155.5 x 4.7 in

## 1990s onwards

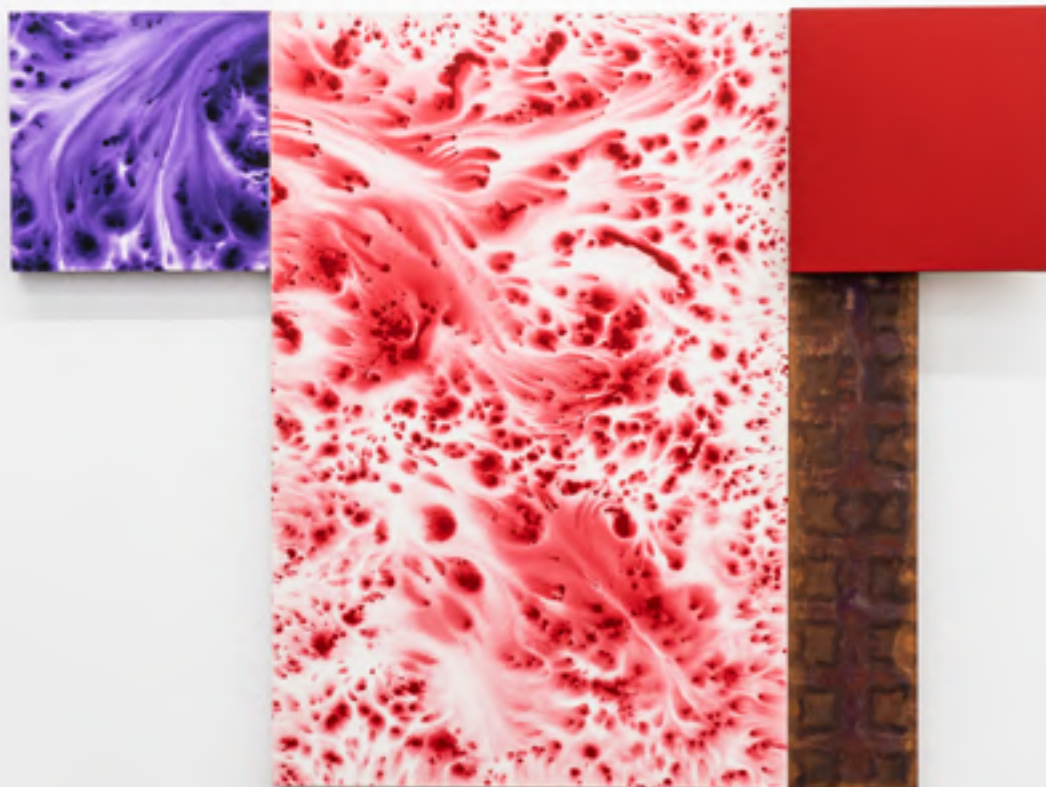
A partir dos anos 1990, Dias começou a produzir uma série de trabalhos caracterizados pela junção de diversos quadros, em dimensões, formas e orientações variadas. Cada superfície apresenta diferentes planaridades e tratamentos, ampliando o dinamismo da obra. Nas palavras do curador e crítico Paulo Sérgio Duarte, “Essas pinturas mais recentes criam uma disputa entre esses polos históricos – plano e superfície –, tanto com o espaço metafórico, quanto com a questão de a pintura planar tentar sua realização empírica. Com o espaço, ao assumirem definitivamente o corpo dos quadros, o espaço é literal, a profundidade é real, as diferenças da profundidade dos chassis dão corpo à pintura; elas adquirem volume, corporificam-se efetivamente ocupando espaço, projetam-se muito além da parede. Não as vemos como “quadros”, mas como corpos pintados que se aproximam de nosso corpo. Com a questão planar, elas se alimentam inter-namente da tensão entre os diversos “quadros”, uns estão de modo evidente explorando a questão planar, sobretudo nas superfícies vermelhas. Procuram a idealização do plano e sua realização na superfície. Outras, ao contrário, enfrentam a superfície e a preenchem de acontecimentos plásticos expressivos inéditos.”







*Cranks*, 1999  
acrílico, grafite, folha de ouro,  
e cobre sobre tela, metal,  
vidro soprado, borracha e gesso  
200 x 300 cm | 78.7 x 133.8 in  
foto © Bernhard Schaub



---

*Sem título* , 2012  
acrílico, óxido de ferro, ouro  
e folha de cobre sobre tela  
180 x 240 x 12 cm | 70.8 x 94.4 x 4.7 in



De fato, o artista frequentemente explora esses acontecimentos plásticos: ele despeja pigmentos em superfícies umidas, permitindo que se espalhem organicamente, sem deixar de pado seu interesse no emprego de materiais metálicos, que conduzem eletricidade e reagem espontaneamente à atmosfera. O crítico e historiador da arte Achille Bonito Oliva resume essa prática nos seguintes termos: “O classicismo de Dias consiste precisamente nesse aspecto de ter aceitado com calma o caso inteligente da vida, a disponibilidade do universo. A arte se torna o lugar onde o artista formaliza esses princípios, incorporando-os em obras atravessadas por uma geometria que se define pela assimetria e produz dinamismo, não imobilidade. De fato, Dias sempre faz famílias de obras a partir de matrizes que podem se multiplicar em formas complementares, mas diferentes. Dessa forma, o conceito de design ganha um novo significado, pois não se refere mais a um momento de precisão orgulhosa, mas a uma forma de teste contínuo, embora guiado por um método de construção baseado na habilidade e na execução prática. O método indica naturalmente a necessidade de uma estrutura constante e progressiva, ancorada em uma consciência histórica do contexto regido pelo princípio da técnica.”

---

*Sem título*, 2011  
acrílico, óxido de ferro, ouro  
e folhas de cobre sobre tela  
180 x 360 cm | 70.8 x 141.7 in

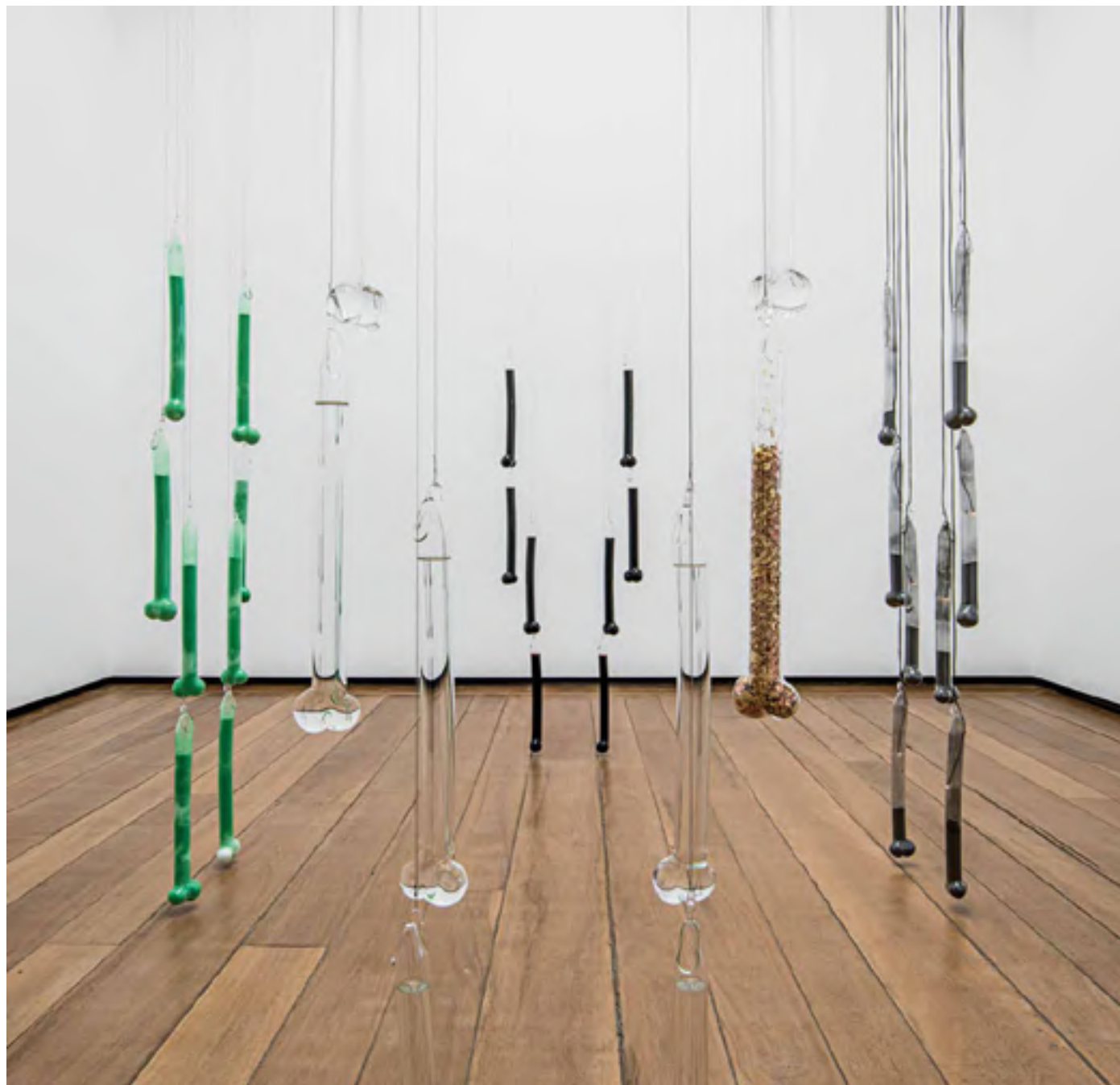


---

*All The Colors of Man*, 1996  
vidro soprado, ouro, cobre, vinho,  
malaquita, grafite, água mineral,  
gesso, barbantes e lâmpadas  
dimensões variáveis  
foto © Mario Grisolli

---

→  
*Satellites*, 2002  
bronze  
11 peças de Ø 16,5 cm | 6.5 in cada  
foto © Vicente de Mello









É importante notar que, durante este período, Antonio Dias também produziu instalações como *All the colors of man* (1996), além de *Your Husband*, *Two Towers*, e *Satellites* (todas de 2002), que parecem constituir um capítulo à parte no processo criativo do artista. São esculturas, instalações e objetos que “irrompem em certos momentos, como declarações ou comentários artísticos, geralmente atrelados a vivências pessoais ou a situações históricas específicas. A instalação *Todas as cores do homem* (1996), por exemplo, parte de uma observação casual do artista, pouco tempo depois do fim da ditadura militar brasileira: quatro homens de raças distintas, conversando numa esquina carioca, cena que seria improvável durante a época da repressão. Anotada em caderno, a imagem toma forma, anos depois, como um conjunto de falos em vidro, pendentes verticalmente do teto, contendo, em seu interior, cinco tipos de materiais, que também agem como cor: o verde da malaquita, o amarelo do ouro, o cinza do grafite e o vermelho do vinho, além da transparência da água mineral.”<sup>1</sup>

---

*Your Husband*, 2002  
(em colaboração com a coopa-roca)  
latas de refrigerante vazias, arame,  
lycra, e motor elétrico  
dimensões variáveis  
photo © Vicente de Mello

---

vista da exposição  
*Made in Brazil*, 2015  
Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil

1. Pradilla, Ileana, 'Activations',  
Antonio Dias, São Paulo: Cosac Naify  
/ APC, 2015. p. 284.

nara roesler

---

**são paulo**

avenida europa 655,  
jardim europa, 01449-001  
são paulo sp brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor 241,  
ippanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5038

---

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art